

Tecnologia e atividade policial

A colocação obrigatória de câmeras em 18 Batalhões da PM paulista, nos meses de maio e junho, resultou em queda de 54% nas ocorrências de resistência seguida de morte



Glauco Silva de Carvalho
25 de agosto de 2021

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS



Instalação de câmeras no uniforme dos policiais mudará seu comportamento técnico e aumentará o grau de legitimidade da Instituição perante o povo paulista

No início dos anos 90, servi por aproximadamente quatro anos no Corpo de Bombeiros. Foi um período ao mesmo tempo prazeroso, por ser uma atividade em que o profissional pode fazer o bem às pessoas, mas também doloroso, por conta das circunstâncias a que o indivíduo é submetido. A atividade policial é ainda mais cruel. Além das dificuldades do dia a dia, há o clima de conflito gerado por conta do serviço cotidiano, que lhe tira o devido e merecido reconhecimento.

Tenho inúmeras lembranças desse período. Algumas me marcaram muito. Vou citar apenas uma.

Estava de serviço no 1º Grupamento de Bombeiros (região central de SP), num sábado quente de 1991. Por excesso de ocorrências no 2º GB (zona sul), o Comando de Área do 1º GB foi deslocado para o atendimento de pessoa presa em ferragens na Rubem Berta, próxima ao Aeroporto de Congonhas, área que não era a de nosso atendimento. Ao chegar ao local da ocorrência, deparamo-

nos com um veículo “abraçado” em um poste. Era madrugada alta. Havia um senhor sentado na calçada, no meio fio, chorando. Dirigimo-nos para o veículo. Começamos a montar os equipamentos para a retirada das vítimas, sendo que um estava inerte na poltrona do motorista, ensanguentado, misturado por entre o volante e as ferragens do motor. Moto-abrasivo, corta-a-frio e outros instrumentos foram sendo dispostos, enquanto a viatura do Resgate “encostava” no local. Fui verificar os sinais vitais da vítima. Estava em parada cardiorrespiratória. Já por esse período, não se arrancava a vítima do veículo, e sim o veículo da vítima. Foi um grande avanço em termos técnicos que um grupo de oficiais trouxera dos Estados Unidos, do Canadá e da França.

Após 20 minutos de atendimento, retiramos um jovem de 18 anos do veículo, com severa hemorragia (que havia sido contida) e grave traumatismo craniano, com exposição encefálica. Estava morto. Ele sequer fora socorrido. Nós o deixamos na pista, encostado à calçada, coberto com um lençol branco. Outros dois rapazes saíram vivos.

Fui arguir aquele homem de meia idade, que chorava sentado na calçada. Era o pai do rapaz. A vítima fatal e outros amigos, que estavam em outro veículo, tiravam racha (espécie de aposta de corrida) na pista ampla da Rubem Berta. Os jovens do outro veículo avisaram os pais do rapaz, que chegou antes das viaturas do Corpo de Bombeiros.

Passados alguns anos, o cinto de segurança de três pontos (avanço tecnológico) tornou-se obrigatório (medida política). Posteriormente, os radares, móveis e fixos (avanço tecnológico), ampliaram-se sobremaneira (medida política). A combinação dessas duas medidas acabou por diminuir por demais os acidentes com vítimas nas grandes vias de São Paulo, e provavelmente do Brasil como um todo.

Recentemente, projeto do Coronel Robson Cabanas Duque, que cria a obrigatoriedade de o policial portar câmeras, trouxe resultados extraordinários. A experiência, em 18 Batalhões de Polícia Militar, nos meses de maio e junho, resultou em queda de 54% nas ocorrências de resistência seguida de morte em todo o Estado de São Paulo. Nesses 18 batalhões, não houve sequer um incidente com resultado morte. A medida deverá ser ampliada para os outros 116 batalhões do território paulista.

Registre-se, também, a coragem do Coronel Fernando Alencar, comandante da Polícia Militar do Estado de São Paulo, em adotar a medida, em primeiro lugar, no Comando de Choque, especialmente no 1º Batalhão de Choque, a ROTA.

Particularmente, registro minha alegria com a política pública erigida e com os resultados que ela trará para a sociedade, para a Instituição Polícia Militar, para o sistema de justiça criminal e, principalmente, para a saúde mental dos policiais militares.

Veremos, nos próximos anos, mudança brusca de comportamento técnico da Instituição Polícia Militar, o que lhe trará, paulatinamente, sucessivos graus de legitimidade perante o povo paulista.

Ressalto, igualmente, minha alegria com a engenharia que, em poucos anos, resolveu um problema de longa data que as ciências humanas apontam. Por fim, resta o problema da corrupção, que não é endêmico na Polícia Militar, mas sim em outras Instituições. O tempo dirá se a corrupção ocupa o mesmo grau de importância que ocupou a violência policial. Meu presságio é que, num país como o Brasil, talvez não...

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

<https://fontesegura.org.br/politica-e-policia/yqfpqf3zsd>

